



<https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1188>



## “Não me sai da memória”: história oral e futebol no Vale do São Francisco

Francisco Demetrius Luciano Caldas\*

ORCID iD 0000-0001-5542-2436

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Petrolina, Brasil

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão\*

ORCID iD 0000-0003-0155-8500

Universidade Federal da Bahia, Departamento de Educação Física, Salvador, Brasil

**Resumo:** Nas décadas de 70 e 90, nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), ocorreu um tradicional torneio de futebol amador do Vale do São Francisco: o BAPE. O objetivo deste artigo é interpretar seus significados socioculturais através da oralidade de seus protagonistas. Por meio da história oral foi possível acessá-los a partir das narrativas de dois jornalistas e três jogadores que vivenciaram o BAPE. Por meio destas memórias foi possível ampliar a compreensão do evento revelando outras nuances sobre suas organizações internas, a gênese do torneio, a dinâmica das equipes na contratação dos jogadores, as narrativas pessoais, seus símbolos e rituais, a dimensão simbólica dessa experiência na vida dos protagonistas e suas percepções a respeito das razões que culminaram com o seu término. Isso nos permitiu reescrever nossa versão da história do mais tradicional torneio do futebol do Vale do São Francisco.

**Palavras-chave:** Futebol amador. Juazeiro. Petrolina. Memória.

### “It does not come out of my memory”: oral history and football in the Valley of São Francisco

**Abstract:** During the 70s and 90s, based on the cities of Juazeiro (BA) and Petrolina (PE), there was a traditional amateur football tournament in the São Francisco Valley known as BAPE. This scientific paper

\* Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA-FACED. E-mail: demetriuscaldas@hotmail.com.

\* Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UFG), Prof. Adjunto da Universidade Federal da Bahia-Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: bruno.abrahao@ufba.br.

aims to study its sociocultural meanings through the oral expression of its protagonists as documented by two local journalists and three of its players. Through their memories, it was possible to broaden the understanding of the event, revealing nuances about its structure, its genesis, the dynamics of hiring players, the personal narratives, symbols and rituals composing the symbolic dimension of the tournament experience on the lives of the protagonists and also their views on the reasons that led to its termination. This allowed us to rewrite our version of the history of the most traditional football tournament in the São Francisco Valley.

**Keywords:** Amateur football. Juazeiro. Petrolina. Memory.

## Introdução

“Não me sai da memória”. Esta foi a frase que se repetia na fala do nosso último entrevistado, o jornalista esportivo Herbet Mouze Rodrigues, durante os aproximadamente trinta minutos de entrevista em sua residência, na cidade de Juazeiro da Bahia. Era quase um jargão particular para expressar um torneio de futebol amador no Vale do São Francisco e o que esse evento lhe proporcionou, primeiro como jornalista, que contribuiu sobremaneira para sua difusão e depois como amante do futebol regional.

No futebol do Vale do São Francisco, um torneio tradicional chama especial atenção: o BAPE. Seu nome é alusivo às siglas dos estados vizinhos do Nordeste brasileiro, Bahia e Pernambuco, separados pelo Rio São Francisco. Em um lado da margem, Juazeiro (BA). Do outro, Petrolina (PE). Conhecidas como os polos econômicos centrais do Vale do São Francisco, a despeito da proximidade geográfica, há uma forte demarcação identitária daquilo que é constituinte dos predicados do ser “baiano” ou ser “pernambucano”.

Juazeiro e Petrolina cresceram às margens do Rio São Francisco, com possibilidades econômicas que o progresso trazia desde a década de 1970, com investimentos da união na irrigação e fruticultura. Seus caminhos para o desenvolvimento, mesmo tão próximos e interdependentes, demarcaram trajetórias características de cada uma, expondo suas semelhanças, diferenças e particularidades, que se expressavam nas dimensões da vida, como a economia, o desenvolvimento urbano, social e cultural dessas cidades. Construiu-se historicamente o hábito de compará-las em seus diversos aspectos sociais. Petrolina terminou por representar as narrativas de progresso e modernidade, enquanto Juazeiro sinalizava o atraso e o antigo. (Sobel; Ortega, 2007).

Ritualizadas em um jogo de futebol,<sup>1</sup> a construção social das identidades e

---

<sup>1</sup> Para compreendê-los, recorreremos ao entendimento dos rituais por Roberto DaMatta, interpretando-os por meio das teorias das dramatizações e da ideologia. Por ritual, esse autor sugere tomá-los como [...]

diferenças destas cidades entraram em campo através do BAPE, que passou a ocupar a agenda do futebol da região por mais de três décadas (seu início é em 1972 até 1996). Caldas (2017) investigou os significados socioculturais desse torneio através dos registros da mídia impressa. Na época, as mais de 200 matérias jornalísticas referentes ao evento encontradas nos dois principais jornais das cidades, permitiram por meio de suas análises documentais, acessar o itinerário histórico dessas partidas de futebol e seus significados socioculturais para o cotidiano de Juazeiro e Petrolina.

Através delas, interpretou-se os significados desses jogos em suas três décadas de realização: a década de 1970 significou sua origem e ineditismo na região, os anos 1980 demarcaram seu crescimento e consolidação como uma ação cultural no âmbito do lazer (Caldas; Abrahão, 2020), enquanto os anos de 1990 foram palco para seus problemas organizacionais, violências e declínio (Caldas; Millen Neto; Abrahão, 2021). O torneio se mostrou uma vivência do lazer entre as cidades cujos sentimentos de vizinhança e rivalidade conviviam concomitantemente. Através das páginas dos jornais foi possível adentrar na sua lógica amadora ou comunitária,<sup>2</sup> com suas organizações internas, ligas esportivas,<sup>3</sup> times ou agremiações e uma aproximação, ainda que marcada pelos limites que impõe as matérias impressas, de seus protagonistas: os jogadores, torcedores e jornalistas que cobriam o evento no tempo social do lazer, ou seja, nos fins de semana ou em feriados.

Por mais que os nomes de seus idealizadores, treinadores, jogadores e torcedores ganhassem as páginas dos periódicos, ainda não era possível conhecer subjetividades desse torneio, sem primeiro exercer a escuta de suas histórias. Nesse sentido, nossa

---

“manifestações para verificar seu significado social e sua posição ao longo de uma ideologia que tende há negar o tempo. Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí por que os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus ‘eternos’” (DaMatta, 1990, p. 24). Se o ritual se constitui como esse domínio privilegiado de manifestação daquilo que se deseja “eterno” numa sociedade, “ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social” (DaMatta, 1990, p. 25).

<sup>2</sup> Por futebol amador entende-se a vertente futebolística em que a estrutura se baseia no sistema Fifa-IB, mas sem sua ortodoxia. Sua prática ocorre em espaços mais padronizados, com quase todos os elementos do futebol profissional, se diferenciando em escala. Encontramos assim campos de várzea organizados com linhas de demarcação de campo, balizas e até equipe de arbitragem, por exemplo. (Damo, 2007).

<sup>3</sup> O BAPE foi gerenciado pelas ligas esportivas das duas cidades: a Liga Desportiva Juazeirense (LDJ) e a Liga Desportiva Petrolinense (LDP). As equipes amadoras mais consolidadas em Petrolina eram o Palmeiras, o Santa Cruz, o Náutico, o Flamengo, o Caiano, a Ferroviária, o 1º de Maio e o CEUB (Centro Esportivo Bebedouro). Em Juazeiro, destacavam-se o Barro Vermelho, o Veneza, o Olaria, o Carranca, o XV de Setembro, o América, o Juazeiro e o Colonial.

dúvida é: quais significados socioculturais desses jogos podem ser captados através da oralidade de quem participou deles?

A fim de respondê-la, o objetivo deste artigo é interpretar os significados socioculturais do BAPE através da oralidade de seus protagonistas. Por intermédio do que falam aqueles que o vivenciaram, abre-se uma possibilidade de se alargar o que representava esse jogo para a região por meio da percepção dos sujeitos envolvidos diretamente com sua realização. Conhecer as singularidades, os gestos e os sentimentos que permeavam seus protagonistas nos dias de jogos e que não foram possíveis de serem percebidos por meio das reportagens.

Desta forma, propõe-se redigir a respeito do passado da experiência social do BAPE. Para Santos (2020), é isso que a pesquisa histórica se propõe a fazer: revelar algo substantivo do futebol como fenômeno social, político, econômico e cultural, permitindo por intermédio dele alargar o entendimento da sociedade. Para tanto, a pesquisa histórica está pautada no tripé tempo, espaço e problema (Santos, 2020, p. 141). Aqui, o tempo são as décadas em que o torneio existiu, o espaço são as cidades de Juazeiro e Petrolina e o problema é o que trazem à tona as vozes a despeito dos costumes de uma época quanto às suas práticas culturais e esportivas. Em consonância com esse autor, não pretendemos escrever “a história” do BAPE pela voz de seus atores, mas sim, “uma” história do BAPE por intermédio dessas escutas (Santos, 2020, p. 140-142).

Destarte, acreditamos que é a história oral enquanto caminho metodológico que nos permite realizar uma pesquisa histórica sobre um fenômeno ocorrido no passado em sua totalidade, possibilitando ampliar nossa compreensão sobre o futebol amador no Vale do São Francisco. A partir das memórias, lembranças, curiosidades e saudosismo presentes nas falas de seus atores, este contexto contribui para a expansão do acervo dos estudos históricos sobre o esporte através da escuta das oralidades sobre as práticas amadoras distantes dos grandes agenciamentos midiáticos, ao passo que evidencia as representações do futebol nas cidades do interior nordestino brasileiro.<sup>4</sup>

Essas oralidades se apresentam no âmbito da história oral não como uma forma de contrapor-se aos documentos escritos, neste caso os jornais, mas com o intuito de colaborar com uma história mais humana e significativa (Toledo *et al.*, 2012). Nas palavras de Thompson (2002), ela pode propiciar a descoberta de informações que por outros caminhos de pesquisa jamais seriam reveladas.

Nos caminhos desta pesquisa, conhecemos os protagonistas do BAPE, entre eles, dois jornalistas e três ex-jogadores do torneio. Os jornalistas entrevistados foram Augusto Morais e Herbet Mouze Rodrigues, ambos residentes em Juazeiro; os ex-

---

<sup>4</sup> Cleber Dias (2020) apresenta inferências importantes sobre o tema, afirmando que a tradição intelectual sobre estudos de cultura, esporte e lazer no Brasil ainda se concentram historicamente nas regiões Sul e Sudeste do país, sobretudo nos grandes aglomerados urbanos. Tal fato se baseia na evolução histórica da produção, da fruição e consumo da arte e cultura estarem atrelados às grandes cidades. De forma que as regiões interioranas e rurais foram secundarizadas nas produções acadêmicas da área. Salientamos que estudos recentes vêm alterando essa realidade.

jogadores foram Gilberto Fonseca da Silva, Antonio Barbosa de Sales e Gilmar Pereira da Silva. Os dois primeiros atuaram em equipes de Juazeiro e o último em Petrolina; todos residem na cidade de Juazeiro. Quatro entrevistas foram realizadas no ano de 2017, por razões de agenda do jornalista, a entrevista com Herbert Mouse ocorreu somente em 2018. As entrevistas foram antecedidas por contato telefônico para agendamento e abordaram as seguintes etapas: gravação do áudio, transcrição, copidesque, pesquisa de termos, revisão pelos entrevistados e assinatura de TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) pelos entrevistados. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas (Cedep) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), sob o parecer substanciado número 1.649.475.

## Recordar é viver: os jogos começam outra vez

Na busca de acessar os primórdios do torneio, as entrevistas iniciaram perguntando a respeito do início, das primeiras relações dos protagonistas com o BAPE e o que eles conheciam sobre as origens do certame no Vale do São Francisco. Em mãos, já tínhamos as informações das matérias jornalísticas, que demarcavam o ano de 1971 como a data de seu início, uma vez que as primeiras notícias nesses jornais<sup>5</sup> datam desse ano. Essas reportagens não retrataram a origem do torneio, e sim, uma cobertura jornalística esportiva habitual, com a agenda de jogos, escalções, expectativas das agremiações, entre outros.

Todavia, o jornalista Augusto Morais nos revelou a primeira informação que se estendia para além dos jornais: a primeira iniciativa de construir um evento que unificasse as equipes amadoras das cidades não foi fruto da década de 1970, mas da década de 1960. A primeira iniciativa no sentido de agregar as muitas equipes já existentes nas duas cidades foi no ano de 1965, em um torneio intitulado Torneio Edson Ribeiro, que foi um médico com aspirações políticas. Na década de 1970, Augusto Morais é enfático ao afirmar:

Eu posso dizer que participei de todas as edições do BAPE, desde a sua criação

---

<sup>5</sup> Dois jornais se constituíram fontes da referida pesquisa: o *Jornal de Juazeiro*, da cidade de Juazeiro, e *O Pharol*, de Petrolina. O primeiro possui sede no centro comercial da cidade; iniciou suas atividades no ano de 1972 e até a primeira metade da década de 1970 se chamava *Tribuna do Povo*; em seguida, foi intitulado *Jornal de Juazeiro* até o início dos anos 2000. Atualmente, possui o nome de *Diário da Região*. Desde a sua fundação até a presente data é dirigido pelo médico e jornalista Paganini Nobre Mota. O segundo é considerado pioneiro na região, foi fundado em 1915, mantendo-se em circulação até meados da década de 1990. Não existem ações de preservação de seu acervo, encontramos algumas edições em museus e bibliotecas da cidade.

nos anos 1960 e começo de [19]72, na qual, um dos primeiros em 72, eu tive a primazia de conquistar o título com a equipe do Olaria, uma das grandes equipes de futebol amador de Juazeiro. (Augusto Moraes, 2017).

Sua fala nos revela que, antes de adentrar no jornalismo esportivo, foi também técnico de uma das mais clássicas equipes amadoras da cidade de Juazeiro, o Olaria Futebol Clube. O ex-jogador Antônio Barbosa reitera, trazendo mais informações quanto ao nome da competição:

O torneio teve início em 1965, na década de [19]60 com o nome das duas cidades Juazeiro e Petrolina, ou seja, Joalina. Mas depois os diretores entraram em comum acordo e resolveram colocar como uma interestadual, daí BAPE, Bahia-Pernambuco. (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Quando interpelados sobre o (os) responsável (eis) pelas primeiras edições na década de 1970, os jornalistas e dois dos jogadores entrevistados não fornecem precisões, com nomes ou datas. O jornalista Herbet Mouze, em tom jocoso, relata que a ideia foi de Augusto Moraes, juntamente com as ligas esportivas das cidades, mas Augusto Moraes, também de forma cômica, desconversa e não assume a criação do certame. Enquanto que para Antônio Barbosa não resta dúvida: "Augusto Moraes foi um dos criadores dessa competição, ele fazia parte da LDJ e era repórter, comentarista. E foi também meu diretor quando eu era atleta amador no Olaria. Ele era Olaria e chegou até ser presidente dessa equipe grandiosa aqui de Juazeiro" (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Essas narrativas evidenciam que as primeiras disputas do BAPE aconteceram em meio às atividades profissionais desses jornalistas e da experiência amadora desses jogadores. Na década de 1970, Herbet Mouze já possuía uma carreira consolidada no cenário esportivo do Vale do São Francisco: "como repórter, como homem de rádio, de imprensa eu tinha a obrigação de cobrir esse torneio que era realizado anualmente" (Herbet Mouze Rodrigues, 2018). Nessa época, Augusto Moraes também fazia parte do jornalismo esportivo da região:

Minha chegada ao jornalismo na região foi muito antes do BAPE. Aí, Herbet, por se tratar da emissora de meu primo, eu sempre gostei de colaborar com o esporte, eu fazia matérias escritas para a rádio Juazeiro. Dentro disso aconteceu num jogo, realmente nosso amigo Herbert Mouse, por demais conhecido, ele estava na arquibancada, de gozação, de brincadeira, disse: 'Moraes você sabe falar, né?' Eu disse: 'sei', 'pois é do jeito que você tá falando aqui você vai falar no microfone', aí me levou pra cabine, né, pra eu comentar o primeiro tempo que eu tinha visto de determinado jogo. Aí eu... Ele disse: 'fica aí pra comentar até o fim', pronto, aí se fixou, eu me associei à equipe como colaborador nato sem especificação de nada, só porque gostava do futebol e queria também dar aquela dimensão ao futebol. Por

isso eu colaborei com o futebol, comentando os jogos. (Augusto Morais, 2017).

A presença da mídia no BAPE ocorria de forma significativa pela mídia impressa, os jornais, como mencionado, e também pelo rádio, com transmissões desses jogos: “nós tínhamos a rádio Juazeiro, equipe tradicional com Herbet Mouze, né? Narrando. Eu comentava, colaborava nos comentários. Então, tinha um acompanhamento efetivo nas jornadas de domingo e durante toda a semana fazendo a cobertura” (Augusto Morais, 2017). Essa importância é enaltecida:

A sua penetração, maneira de divulgação, isso foi importantíssimo demais... Chegava a outros lugares, como não poderia chegar à imprensa de outra maneira, né? Então, isso era importante. Quando nós saíamos e chegávamos em determinado lugar, já havia cobertura da própria emissora, aglomeração do público e os aplausos do público. (Augusto Morais, 2017).

Essa imprensa faz evoluir qualquer setor e no futebol é assim também. Um jogador se sentia bem: “minha mãe, vou jogar hoje, minha irmã, minha filha, vou jogar hoje, veja o que a rádio vai falar de mim!” Existia uma receptividade, não tinha televisão praticamente, então o rádio naquela época era a atração geral: “você vai jogar meu filho, faça um gol!”. Existia muita importância do rádio para o futebol amador. (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

Com relação aos jogadores, suas primeiras aproximações com o torneio ocorreram em virtude das suas experiências como jogadores do futebol amador da região e no futebol profissional. O jogador Gilberto Feitosa da Silva exemplifica a movimentação natural de futebolistas amadores das cidades para o torneio: “Particpei em 1991 e 1992, quando jogava pelo Centro Social Caiano de Petrolina” (Gilberto Feitosa da Silva, 2017). O jogador Gilmar Pereira da Silva evidencia a capilaridade das equipes do BAPE em recrutar jogadores com experiência profissional:

Quando eu vim participar do BAPE, eu já tinha passado pela carreira profissional, que eu comecei com 16 anos em [19]79 na equipe juvenil do Vitória e depois me profissionalizei em Salvador, mesmo disputando o campeonato baiano, e quando eu encerrei a carreira é que eu vim jogar o futebol amador aqui... Tive que fazer uma transferência pra amador, pra fazer, pra participar da equipe do Olaria na época. E participando na equipe do Olaria como amador a gente teve a oportunidade de disputar o BAPE, foi uma vez só o BAPE, mas foi muito motivado na época. (Gilmar Pereira da Silva, 2017).

Os jornais sinalizaram que as relações de contratação entre jogadores e agremiações existiam, ainda que de forma porosa, sem os moldes do futebol profissional. O acordo entre jogador e agremiação era estabelecido para aquela edição do torneio. O jogador

Gilberto Feitosa foi mais longe, clarificando a natureza dessas contratações nesse universo amador:

Normalmente não assinávamos nenhum contrato, era tudo de boca. Só assinava uma ficha de inscrição que dava entrada no torneio ou na liga. O treinador fazia o convite para jogar na equipe e o acerto salarial era feito com o presidente da agremiação. Eles chamavam, se não me engano, de luvas e salário mensal. Muitos atletas recebiam como luvas terrenos, casas, materiais de construção, eletrodomésticos e etc. (Gilberto Feitosa da Silva, 2017).

Nessas relações financeiras, constava também seu próprio financiamento. Temos indícios de que existiam relações próximas das ligas esportivas com os poderes executivos municipais, bem como com empresários ou entusiastas do futebol local:

Olha, as prefeituras daqui e de Petrolina davam apoio, eu não sei que tipo de apoio, agora, quanto a, vamos dizer, empresários, às vezes tem um amigo do Veneza daqui, não é nem do futebol em geral, um empresário que gosta do Veneza e queria ver o Veneza muito bem, tô citando o Veneza como exemplo. Então ele dava pra comprar material, dava uma ajuda para comprar material. (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

Os relatos representam o olhar de seus atores quanto a esse aspecto do torneio, permitindo-nos também reparar em Pesavento (2005), quando alerta para a importância dessas narrativas não serem tomadas como “a verdade” a respeito do que foi dito, mas como uma versão produzida a partir das representações de seus narradores, permeadas também pelas suas visões de mundo e experiências de vida.

A respeito da ação de lembrar, Pollak (1989) observa as correlações entre a memória, o esquecimento e o silêncio. A memória entra em disputa entre aqueles que possuem a oportunidade ou o poder de contar a história, neste caso, de um torneio esportivo. As lembranças do jogo serão tecidas por quem tem o interesse em contar sua história. Na construção do porvir da competição, o passado é disputado: quem será lembrado? Como serão lembrados? Qual o lugar de seus atores nesta história? Ao fazermos isto, compomos a nossa história do BAPE.

Tendo como suporte os processos de lembranças e esquecimentos, a memória se apresenta como fonte histórica, considerando que

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, do inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetíveis a longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um lugar vivido no eterno presente; a



história, uma representação do passado. Por ser afetiva e mágica, a memória se acomoda com detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. (Nora, 1984, p. 19).

Dentre as nuances e significados que os protagonistas disseram, ocupam lugar expressivo as representações simbólicas que os jogos oportunizaram em suas vidas. O saudosismo aciona um passado em que o BAPE conferia *status* e reconhecimento social aos seus atores. O jogadores relembram:

Era um evento esportivo muito badalado nas duas cidades; a imprensa, as rádios e jornais, não falavam em outra coisa. A Associação Rural e Adauto Moraes ficavam lotados de torcedores [...]. Participar desse torneio me trouxe uma experiência inesquecível, pois na ocasião, com 19 anos, tive a oportunidade de jogar com excelentes jogadores que, até então, só os assistiam da arquibancada. Além disso, nós atletas ficávamos muito conhecidos e até respeitados pela imprensa, pelos torcedores e por nossos amigos também. (Gilberto Feitosa da Silva, 2017).

Em campo, a gente procurava se apresentar bem, a imprensa falada, televisada, escrita, muito favorável. Fortalecia bastante essa competição do BAPE. Até porque era muito organizada, duas entidades com grandes diretores, que eram amadores, mas com certo profissionalismo. Vale a pena essas lembranças. (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Herbet Mouze realça a importância das partidas para sua profissão, sua experiência pessoal: “Como eu lhe falei, essa imagem não me sai da memória, do torcedor de Petrolina, de Juazeiro, vindo de Petrolina pela ponte, a pé, um montão de gente interrompendo o trânsito com as bandeiras e as camisas daqui até lá, isso fora do campo” (Herbet Mouze Rodrigues, 2018). Vai, ainda, mais além:

Muitos fatos importantes, decisões que transmiti, isso não me sai da memória, eu não vou dizer aqui os nomes dos clubes para não está dizendo que está puxando o saco, mas foi muito bom meu tempo de narrador no BAPE, animei os outros e me animei também, me animava também a gritar um gol, a narrar um lance bonito, eu ficava animado, eu gostava do BAPE, o futebol amador de Juazeiro e Petrolina foi um futebol excelente, eu teria que citar uns três quatro nomes aqui, mas não vou fazer isso pra não esquecer os demais. (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

E eu me recordo muito bem que uma vez, não sei se foi o Veneza, que foi campeão uma vez, foi campeão lá dentro e a torcida de Juazeiro, da cidade de Juazeiro, do Veneza, veio toda com bandeira do estádio a pé pela ponte, aquele panorama bonito na ponte, de um desfile que até o trânsito parou um pouco, uns 100 torcedores era mais do que isso com a camisa azul e branco vinham caminhando pela ponte

até chegar aqui em Juazeiro, naquela festa bonita que parava na porta do estádio e comemorava. Então, o Bahia Pernambuco tinha essa atração, o BAPE tinha essa atração porque reunia o futebol principal, principais de Juazeiro da Bahia e de Petrolina Pernambuco. (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

Augusto Morais também dá seu testemunho, sinalizando sua experiência com esse tipo de disputa no cenário amador:

O BAPE, para mim, foi a melhor competição interestadual que eu já vi pela região, que, além de tudo, eu posso me sobressair e dizer que vi em diversas cidades disputas dessa modalidade, pelo Rio Grande do Norte, pelo Ceará, o próprio Pernambuco, a própria Bahia, mas esta é uma que modificou e teve uma dimensão super significativa porque reuniu dois centros futebolísticos fabulosos que sempre foram Juazeiro e Petrolina. (Augusto Morais, 2017).

Ao compartilhar suas experiências pessoais, concordamos com Freitas (2006) quando afirma que o trabalho com oralidades requer a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. A produção de narrativas são aqui fontes do conhecimento. Delgado (2003, p. 23) afirma:

Por ser uma experiência através da qual se compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e lembrar e disponibilidade para escutar. Fala, escuta e troca de olhares compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado.

No que diz respeito à percepção dos entrevistados quanto ao comportamento das torcidas e dos esportes no que tange as rivalidades entre as duas cidades, não encontramos consensos nas declarações, mas afirmações que externam tensões e outras que amenizam. O interessante das declarações é o fato de que aquelas que afirmam um clima de competição, mas sem acirramento e provocações entre jogadores e torcedores dessas cidades, vêm dos jornalistas, talvez por estarem nos bastidores das partidas. “Existia uma animosidade normal do futebol, mas nunca vi que um xingava o outro, tem aquelas discussões, mas brigas de empurrão, brigas mesmo eu não via” (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

Augusto Morais é ainda mais preciso ao incluir as relações entre as entidades organizadoras, que favoreciam aquele clima de vizinhança e de uma competição sadia: “Era uma maneira respeitosa, de maneira tranquila, sem ofensas. As diretorias se respeitavam, se admiravam, apoiavam uma à outra para dar andamento muito bom

ao torneio. Então era esse um dos fatores primordiais pela manutenção desse torneio” (Augusto Morais, 2017).

Os jogadores deram outro clima a essas partidas. O fato de estarem em campo, no embate corporal com seus oponentes, vivenciaram situações que iam para além de uma “competição saudável, respeitosa”. Afirmam:

Havia uma enorme rivalidade entre as duas cidades e as equipes que disputavam o torneio tinham excelentes jogadores. Haviam jogadas muito duras, muitas vezes desleais, sem bola, intimidações e provocações dentro e até fora de campo. (Gilberto Feitosa da Silva, 2017).

Veja bem, a rivalidade era acirrada, certo! Uma certa noite aconteceu um jogo aqui, Palmeiras e Olaria. Mas foi um quebra-pau que não teve como terminar esse jogo. E aí no consenso e o bom senso também, resolveram realizar outro jogo porque interessava aos dois e também pra poder ter um clima mais sadio. Ainda teve umas ameaçazinhas, mas graças a Deus, com maior segurança, mais policiais em campo e aí deu certo. Mas a rivalidade era grande. O BAPE, por ser um evento diferenciado, mais atrativo, pois não se tratava de campeonato municipal e sim regional. Aconteceu que por essa disputa, Juazeiro conseguiu logo três BAPES seguidos, para depois Petrolina ganhar o primeiro. E aí agente via que existia certa despeita, muitos entendem como rivalidade exagerada, uma certa violência em campo com certos jogadores e as torcidas sempre naquele ‘ren ren ren’. Mas devido àquele primeiro episódio, tivemos mais segurança, porque o policiamento era reforçado. (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Além dessas tensões, as partidas também se revestiam dos artefatos, adornos, símbolos e mascotes naturais ao futebol. As lembranças desses objetos conferem a beleza, a festividade e a demarcação identitária de cada equipe e sua respectiva cidade na memória desses atores:

Tinha mascotes e as equipes tinham seu 'galhardão' de uniformização, né! O Olaria, preto e branco, por exemplo, a sua camisa tradicional em listras verticais, era a equipe que reunia multidões, o Veneza também, com seu uniforme tradicional que era azul e branco e listras verticais... Era chamado de azulino. (Augusto Morais, 2017).

Olha o que identifica mais a torcida, tanto daqui como de lá, era bandeira. Aquele mastro grande, a bandeirona grande identificando o time que ia jogar contra o time que ia jogar de lá. Como eu disse há poucos instantes, quando voltavam pela ponte, aquele desfile de torcedores que foram para Petrolina, aí vinham todos eles com a bandeira, a camisa do time, e fazia aquele bonito panorama na ponte caminhando até chegar aqui em Juazeiro. Agora, era no meu modo de ver e assistir, a bandeira era o símbolo maior da exaltação que a torcida fazia de seu time. (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

O jogador Antonio Barbosa apresenta sua visão das torcidas e seus rituais, reparando a presença das mulheres nas arquibancadas e suas apropriações nesse espaço hegemonicamente masculino, bem como as estratégias entre agremiações e torcedores e as torcidas de peso, segundo sua opinião:

As torcidas eram formadas de alas femininas, dando o maior incentivo, motivação, muita vibração, charanga, batucadas (dava-se o nome aqui assim). Um verdadeiro carnaval no estádio. Aquele que vencia, tinha o maior proveito da grande alegria, algazarra. Mas era muito motivante, pode ter certeza disso. Casa cheia, ou seja, estádio lotado pela grande disputa que era escolhida pelos melhores clubes das cidades. [...] Algumas equipes até patrocinavam fardamento daquelas meninas, daqueles rapazes, porque era uma mistura, muita bandeira. Tinha os mascotes também, cada equipe tinha um, dois, três mascotes. Porque na realidade era uma competição que sacudia as duas cidades, mexia mesmo com os torcedores e aquela rivalidade, né? De Juazeiro e Petrolina. (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Aqui em Juazeiro as duas maiores torcidas era a do Veneza e Olaria. Alas femininas bem trajadas e depois o Carranca fez a sua inovação, lançando vários brindes, procurando motivar o torcedor, principalmente a torcida feminina, que chamava a atenção pela beleza das meninas e dos jogadores empolgados, enfim, era um carnaval a cada jogo que acontecia. Por outro lado, lá em Petrolina, o Palmeiras, América, Caiano também, como muita organização nas torcidas. Quando havia esse encontro, precisava ter reforço porque até alguns torcedores meio ousados ficavam tirando onda com as meninas e aí o chefe da torcida, o administrador já se aborrecia do outro lado, mas tinha o controle do policiamento. (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Não importa em que local ocorra, em um estádio ou em um campo de várzea, se na sua vertente amadora ou profissional. O futebol sempre acionou de forma particular o povo brasileiro, ou como diria DaMatta (1994), muitos o consideram um produto nacional. As torcidas do BAPE não fizeram diferente:

O coração acelera, ou quase para. A alegria vem em forma de choro e a raiva vem com um sorriso de ironia, na hipotética falha da arbitragem. Em qualquer hipótese, o que vale é aquele momento! Quando se está no estádio, o campeonato passado, mesmo que vitorioso, não traz mais nenhuma magia. No estádio, naquele instante, só existe presente e futuro; o passado perde seu sentido – lembrado por poucos saudosistas. Tem-se que vencer para fazer sentido àquele instante. (Salles, 1998, p. 47).

Ao acessar os fatos do BAPE pelo exercício da lembrança, ocorreu-nos que algumas características da organização e estrutura do torneio, evidentes nos jornais,

foram reiteradas pelas entrevistas. Podemos citar a organização da competição em formar dois grupos, cada um com quatro equipes de cada cidade, que se enfrentavam considerando pontos corridos e perdidos. Antônio Barbosa detalha essa informação: “No início e por um tempo eram 8 clubes, 4 de cada cidade. Aí foram fazendo as transformações e dando oportunidade a outros se motivarem e crescerem dentro do cenário para poder disputar o Bahia-Pernambuco” (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

Outro ponto reafirmado foi o período de organização do BAPE, sempre no intervalo dos campeonatos municipais; quando finalizava o campeonato municipal de Juazeiro, por exemplo, dava início o BAPE; após seu término, começava o campeonato de Petrolina. Essa ordem poderia ser inversa, de acordo com a organização e disponibilidade das ligas esportivas. A mesma relação ocorreu com o interesse em saber se o torneio atrelava-se a alguma data específica das cidades.

O BAPE não estava associado a uma festividade ou data comemorativa de nenhuma das cidades. Ocorria, como disse Augusto Moraes, de as comemorações dos aniversários das equipes acontecerem em formato de jogo: “Não, não tinha uma data expressiva que fosse atribuída ao BAPE, acontecia simplesmente dentro de cada time, está acontecendo o aniversário de uma das tradicionais equipes nas partidas do BAPE, como o Olaria ou o Veneza” (Augusto Moraes, 2017). Herbert Mouse também não recorda essa característica do torneio:

Que eu me recorde não, que existia assim, vamos fazer o BAPE porque aqui 15 de julho é aniversário da cidade e que a partida final se realizará dia 15 de julho que é feriado ou a data do município de Petrolina. Mas esse detalhe eu não tenho, poderia até acontecer uma coincidência de o torneio terminar perto na data de aniversário da cidade, ou de uma ou de outra, porque não são datas iguais, aqui, nós, sei que é 15 de julho. (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

Os jogadores também não relatam nenhuma relação simbólica entre o torneio e uma data comemorativa entre as duas cidades, reforçando as mesmas declarações dos jornalistas. Ao término da análise das narrativas, ficou evidente que por meio da história oral sucederam-se três principais movimentos em torno da compreensão do BAPE: ampliações, alterações e adunações. O primeiro materializou-se nas simbologias, comportamentos e emoções dos protagonistas, até então não percebidos com mais clareza. Os jornais apenas mencionavam a presença das torcidas, enquanto que as narrativas mostraram suas movimentações nas cidades nos dias de jogos, a ocupação e organização dos homens e mulheres nas arquibancadas e na ponte que separa as cidades/estados com seus adornos, mascotes e batucadas. As alterações iluminaram dúvidas deixadas pelos jornais quanto à origem do torneio e à construção do seu próprio nome. Os periódicos demarcaram o início da década de 1970 como o começo do BAPE, ao passo que as lembranças agora à tona, recuaram no tempo evidenciando a década de 1960 como os primórdios da disputa. O nome da competição pelos jornais

referenciava apenas a alusão aos respectivos estados das cidades, quando na verdade, os relatos disseram que sua primeira identidade competitiva trazia uma espécie de fusão das palavras Juazeiro e Petrolina, o torneio Joalina. Somente depois, seus diretores propuseram uma imagem mais interestadual do certame. As adunações referiram-se às informações que estabeleceram harmonia com as fontes escritas, sobretudo aquelas de cunho organizacional ou burocrático da competição.

A partir de tais aspectos, a história oral mostrou-se eficaz em sua multiplicidade de pontos de vista. Como afirma Portelli (1997, p. 33), revelou o esforço dos narradores “em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas”. Barroso (2021, p. 15) reitera esta metodologia, pontuando que ela reivindica outra forma de expor a verdade, “na medida em que preconiza um tipo de conhecimento que inclui as paixões e as utopias indispensáveis à vida, sem as quais não há humanidade possível”.

## As últimas lembranças do BAPE

Diante de tantos relatos alvissareiros a respeito do BAPE, foi inevitável tentar compreender seu desfecho, as razões, a partir das percepções desses sujeitos, que levaram a cabo um torneio já consolidado no Vale. Quais motivos desarticularam a prioridade do certame na agenda futebolística e do lazer local? Pela escuta, a chegada do futebol profissional à região foi o propulsor dos problemas que viriam determinar o futuro das partidas, pulverizados, agora, nos jogos desorganizados, nas arquibancadas vazias e no desmanche de muitas agremiações. Herbert Mouse afirmou:

Com certeza absoluta foi o futebol profissional, o BAPE só não, até os campeonatos municipais da cidade, a LDJ e LDP, os times daqui e os times de lá, né? Com a chegada aqui em Juazeiro do profissionalismo, na verdade, houve uma decida muito forte no setor amadorístico de futebol, mais caiu muito mesmo [...]. Mas é verdade sim, isso aí eu posso até provar que com a chegada do profissionalismo caiu, houve um baque muito forte no setor do futebol amador de Juazeiro, o que digo, LDJ, as partidas do BAPE existiram, mas até abriu os portões, não cobraram ingressos, mas o público não era como antigamente. Oh, se você assistisse um clássico aqui de Veneza e Olaria, quando não tinha profissional! (Herbet Mouze Rodrigues, 2018).

Gilberto Feitosa e Antônio Barbosa destacam a força do futebol profissional na decaída do BAPE, e sinalizam problemas de outras ordens:

Pelo término, acredito que a falta de recursos financeiros para realizar o evento; consenso das ligas e agremiações para definição de datas para realização do torneio;

a chegada do profissionalismo na região, que praticamente acabou com o futebol amador nas duas cidades. (Gilberto Feitosa da Silva, 2017).

O BAPE deixou de ser realizado porque a entidade organizadora de Petrolina, depois da chegada do profissional, suspendeu por algum período, uns 3 ou 4 anos, a programação dos seus campeonatos e aí ficou sem adversário, porque só Juazeiro em evidência e Petrolina sem acontecer. Aí foi havendo a desmotivação pela ascensão dos campeonatos estaduais com os profissionais e por esse motivo deixou de existir o Bahia-Pernambuco. Mas criaram depois a Taça Vale do São Francisco entre os profissionais; Juazeiro x 1º de Maio, Juazeiro x Petrolina, que eram as equipes que disputavam essa competição. Mas o BAPE deu uma parada geral. (Antônio Barbosa de Sales, 2017).

No Brasil, a chegada do futebol profissional ocorre oficialmente a partir de 1933, nas regiões Sul e Sudeste, se espalhando para o restante do país. Nesses relatos, inferimos que Juazeiro e Petrolina sentiram a chegada tardia do profissionalismo na década de 1990, que passava a comprometer as equipes tradicionais com a saída de muitos jogadores para clubes maiores. As equipes não conseguiram atender as demandas mercadológicas impostas pelas relações de trabalho no futebol, como contratos e salários dos jogadores.

Para se adequar ao novo cenário, muitas equipes realizavam uma espécie de fusão: “Os times América, Barro Vermelho, Carranca, Colonial, Grêmio, Olaria, XV de Novembro e Veneza formaram, em 16 de agosto de 1995, o primeiro time profissional da cidade, o Juazeiro Social Clube” (Guimarães, 2013, p. 22).

O esvaziamento dos jogos e arrefecimento pelo interesse no futebol amador também dialogaram com mudanças ocorridas na sociedade brasileira nas últimas décadas, com ênfase na globalização e suas transfigurações culturais decorrentes. Guardando as especificidades locais, essas cidades, como todo o território nacional, assistiram ao surgimento de novos esportes, à multiplicação das mídias e das formas de entretenimento. O futebol amador e as partidas do BAPE agora estavam assolados pela falta de interesse do público, da mídia, do empresariado e do poder público.

Diante dos problemas que minavam a sua realização, o torneio foi aos poucos perdendo interesse e espaço na imprensa, nas conversas dos finais de semana em barzinhos, nas programações familiares para a ida aos estádios. Os torcedores se ocupavam de outras formas de lazer, como o futebol televisionado, e nos estádios da Associação Rural e no Aduauto Morais, a ausência dos grandes públicos gerava nos poucos seguidores que ainda o frequentavam uma sensação de estranhamento e saudosismo por tudo que o BAPE proporcionou.

Dessas narrativas, percebemos que as informações vão se construindo à medida que a memória expressa pela oralidade determina parte de um passado. Como esclarece Macedo (2004, p. 174), a memória não é simplesmente um reservatório passivo de

dados, está empenhada e integrada com o presente. O que é capturado pelas oralidades “são segmentos da experiência humana, no contexto de um passado relembado, de um presente dinâmico e de um futuro desconhecido”.

Os relatos alargaram a compreensão do jogo ritual BAPE em muitos aspectos, os quais até então estavam à espera de um melhor entendimento: quanto à gênese do torneio, no que diz respeito às aproximações desses jogadores e jornalistas com a competição, o impacto simbólico dessa experiência na vida desses atores, a dinâmica lúdica das torcidas ao ocuparem os espaços dessas cidades, as relações internas de gerenciamento de equipes e jogadores, as rivalidades e as razões que culminaram com seu fim. A partir da ampliação dos significados do evento em tela, evidenciou-se a importância da história oral para as práticas esportivas, uma vez que ela permite acessar a história pelo olhar dos seus protagonistas, pela experiência da comunidade local. Neste caso, nos permitiu reescrever nossa versão da história do mais tradicional torneio do futebol do Vale do São Francisco.

## Referências

BARROSO, Eloísa Pereira. Reflexões sobre a velhice: identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. *História Oral*, v. 24, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1128>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CALDAS, Francisco Demetrius. *O futebol no Sertão do São Francisco: uma análise sobre os significados do torneio BAPE pela mídia impressa*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, PE, 2017.

CALDAS, Francisco Demetrius; ABRAHÃO, Bruno Otávio Lacerda. Futebol no Sertão do São Francisco. In: DIAS, Cleber (Org.). *Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: Jaquatirica, 2020. p. 197-224.

CALDAS, Francisco Demetrius; MILLEN NETO, Alvaro Rego; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. O futebol no Sertão nordestino brasileiro: o torneio BAPE em Juazeiro e Petrolina na década de 1990. *Outros Tempos*, São Luiz, v. 18, n. 31, p. 274-296, 2021.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26954>. Acesso em: 7 jan. 2021.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DIAS, Cleber. *Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: Jaquatirica, 2020.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom a profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São



Paulo: Aderaldo e Rothschild: Anpocs, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História oral*, v. 6, p. 9-25, 2003. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 23 ago. 2021.

FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GUIMARÃES, Raianne. *Do estádio aos campos de várzea: a prática do futebol amador em Juazeiro Bahia*. Juazeiro: Lugori, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multireferencial nas Ciências Humanas e na Educação*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2004.

NORA, Pierre (Dir.). *Les lieux de mémoire - I: La République*. Paris: Gallimard, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol: um Lazer mágico da Cultura Brasileira. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 5, n 1, p. 42-56, 1998. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/futebol-um-lazer-magico-cultura-brasileira/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SANTOS, João Manoel Casquinha Malaia. Futebol e História. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 139-151.

SOBEL, Tiago Farias; ORTEGA, Antônio Cesar. Estratégias de desenvolvimento territorial: o caso do Polo Petrolina-Juazeiro. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina. *Anais...* Londrina: Sober, 2007.

TOLEDO, Eliana de; SCHIAVON, Laurita Marconi; SARÔA, Giovanna; FIORIN-FUGLSANG, Cristiane Montozo. As Contribuições das pesquisas em história oral para o desenvolvimento da ginástica. *Conexões*, Campinas, v. 10, p. 115-131, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637665>. Acesso em: 24 ago. 2021.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

## Fontes orais

MORAIS, Augusto [em memória] [mar. 2017]. Entrevistador: Francisco Demetrius Caldas. Juazeiro, BA, 10 mar. 2017. 1 arquivo MP3 (27 min.).

RODRIGUES, Herbet Mouze [84 anos]. [fev. 2018]. Entrevistador: Francisco Demetrius Caldas. Juazeiro, BA, 15 fev. 2018. 1 arquivo MP3 (31 min.).

SALES, Antônio Barbosa de [74 anos]. [abr.2017]. Entrevistador: Francisco Demetrius Caldas. Juazeiro, BA, 17 abr. 2017. 1 arquivo MP3 (38 min.).

SILVA, Gilberto Feitosa da [49 anos]. [jun. 2017]. Entrevistador: Francisco Demetrius Caldas. Juazeiro, BA, 20 jun. 2017. 1 arquivo MP3 (28 min.).

SILVA, Gilmar Pereira da [45 anos]. [abr. 2017]. Entrevistador: Francisco Demetrius Caldas. Juazeiro, BA, 8 abr. 2017. 1 arquivo MP3 (25 min.).

Recebido em 01/05/2021.

Aprovado em 18/07/2021.

**Contribuições dos autores:** Caldas: planejamento e realização de entrevistas, análise dos dados e redação; Abrahão: planejamento da pesquisa, análise dos dados e revisão.

**Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE):** 1.649.475.

**Fonte de financiamento:** nada a declarar.

**Conflitos de interesse:** nada a declarar.